

157

GALATÉA EGLOGA.

INTERLOCUTORES

POLIFEMO. E LAURINDO.

P. O. R.

ANTONIO JOAQUIM
DE CARVALHO.

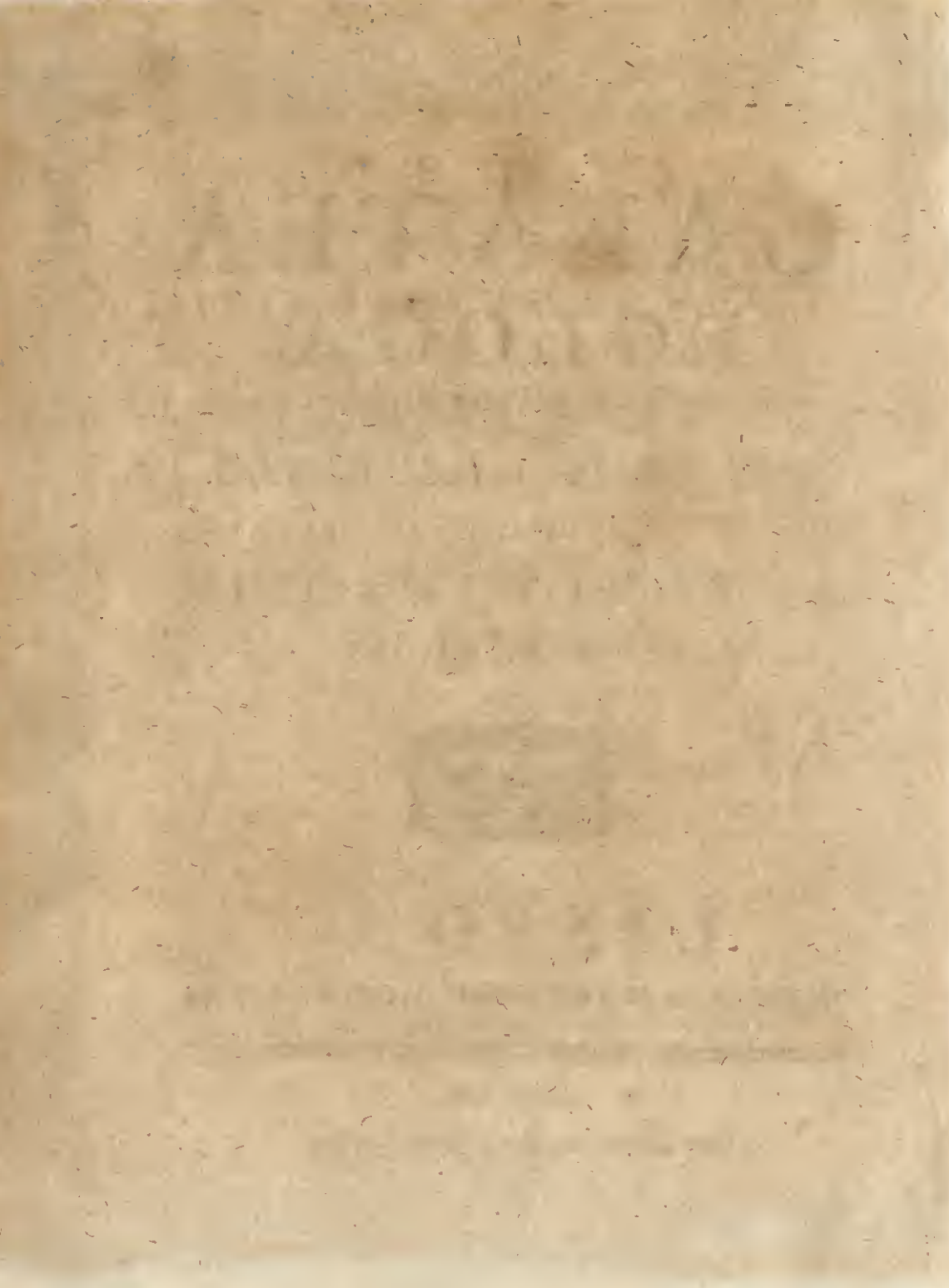


LISBOA,

Nã Officina de DOMINGOS GONSALVES:

Anno de 1786:

Com Licença da Real Meza Censoria:



C A R T A

AO SENHOR

ANTONIO JOZÉ DE OLIVEIRA
P O R T O ,

*Cavalleiro Professo na Ordem de Christo , Familiar
do Santo Officio , &c. &c. &c.*

E S C R I T A

POR ANTONIO JOAQUIM DE CARVALHO.

SENHOR ANTONIO JOSÉ DE OLIVEIRA PORTO.

MEU Amigo, e Senhor, V. m. com excessivo, se bem que mal fundado empenho, me obrigou com rogos a findar essa Egloga, ou esse tosco parto do meu discurso pobre, com interesse de possuilla, e eu por cumprir as santas leis d'amizade, e da obediencia, a findei, e lha offereço. Não aspiro á gloria do applauso, mas sim á advertencia da censura; que aquelle nos sepulta no caos da vaidade: esta, com as brilhantes luzes da razão nos faz ver o caminho do acerto. He verdade que eu sujeitei esta Obra á censura

* ii

de

de alguns Sabios, nos quaes não só descubro a sciencia das bellas letras, mas tambem o bom criterio, e a boa escolha; porém como estês, compadecidos do seu Author, poderião dissimular alguns erros, V. m., como bom amigo, e como quem ama a verdade, sirva-se não de os desculpar, sim de os advertir, com o fruto que tira da sua applicação.

Por prova d'amizade, daquella fiel amizade, com que V. m. me honra, e que eu tanto estimo, espero de-ver-lhe o favor de não deixar extrahir cópia alguma da presente Egloga, pois o meu intento he não divulgalla; e por seguir este bem fundado systema, não te-ubo condescendido com os rogos de muitas pessoas attendiveis, que por lisonjear-me desejavao vella pública.

Não se funda a minha omissão no temor da critica, daquella critica, que não degenera em sátira, que esta, como só deve mostrar o erro, e o modo de emendallo, me he agradavel. Só me intimidado, e tremo na consideração de dar ao público huma Obra de nbum merecimento; huma Obra, que por todas as partes publica o froxo espirito, e a ignorancia do seu Author: huma Obra em fim, que não deleita, que não move; sendo elle o fim, o que deve dirigir-se a boa Poesia; e por essa razão devo escondella, e não publicalla.

Sei que V. m. para convencer-me, poderá repetir aquelles mesmos exemplos, com que já intentou persuadir-me, dizendo, que a cada passo se encontram Obras inuteis, que não reprehendem o vicio, não esti-

timulaõ ao amor da virtude, e que desfiguraõ a formosura da bella Poesia: já humas por obscenas, inficionando a pureza da santa honestidade; outras por satyricas, insultando com infâmia o amavel credito. Ob quanto he lamentavel este erro! E quanto irremediavel este damno! Dirá, que a minha Obra se não espalha a sã doutrina; tambem não semea o pernicioso vicio, e que por esta razãõ póde ser tolerada: concedo; mas como tambem vemos tantas, e taõ bellas composicoens Poeticas, que por delectaveis, instructivas, e moralizadas são dignas do nosso applauso, da nossa imitacãõ, e eu, por mais que forceje, não posso imitallas; he melhor que occulte a minha ignorancia, do que sujeitalla aos golpes da impia mordacidã.

Em fim, Senhor, concludo com implorar a V. m. o perdãõ desta indigna offerta, a qual unicamente he filha da obediencia, que a V. m. consagro: e lhe rogo, que se digne de continuar-me os seus honrosos preceitos, para que eu na execuçaõ delles mostre ser

De V. m.

O mais reverente, e obsequioso criado

Antonio Joaquim de Carvalho.

CAR.



R E S P O S T A .

SENHOR ANTONIO JOAQUIM DE CARVALHO.

MIL vezes agradecido lhe beijo as mãos por esta preciosa offerta, que me faz, justificada prôva do sincêro affeçto, com que me trata, e bem merecido obsequio da fiel amizade, com que lhe correspondo. V. m. que assim o tem experimentado, não duvidará desta verdade.

Eu, meu Amigo, e Senhor, estimo tanto os seus excellentes versos, que apenas me vi na posse desta Egloga, larguei por alguns dias as minhas applicaçoes, e me dei todo á sua leitura, na qual acabei tão excellentes sabor, que me obrigou a fazer o conceito, de que esta era a Obra Poetica, que tenho encontrado de melhor gosto, e mais digna d'estimação; porém como aquella natural inclinação, com que sempre vejo as suas Obras, poderia em mim ter produzido alguns effeitos d'huma cêga paixão, procurei achar a verdade nos votos d'alguns amigos, cujos pareceres ouvi com attenção; e forão tão bem ajustados ao meu
sen-

sentimento, como o justificaõ alguns Sonetos, Dissertaçoens, Apologias, e outros manifestos, e eruditos Elogios, que eu poderia juntar a esta; o que tudo, a pezar da sua repugnancia, indispensavelmente m'obriga a fazer pública huma taõ bella, e proveitosa composiçaõ.

Eu bem sei que esta resoluçaõ se lhe fará hum pouco pezada, vista a contraria em que V. m. ha tantos annos presiste; mas não acho razaõ, para que V. m. neste caso se não vença na sua escrupulosa resistencia, a qual não deve fazer que injustamente se occultem as bellezas; assim desta, como d'outras muitas Obras suas: que todas podem offerecer ao público a maior utilidade. Em conclusãõ, eu não pertendo persuadir, e menos convencer a V. m. nesta parte, pois seria claramente offender o seu genio taõ docil, sociavel, e attento; só assim firmemente confio, em que ponderando V. m. o que lhe relato, não ha de desapprovar o meu intento, nem taõ pouco em péna desta apparente desobediencia, negar-me a honra, que me promettem os seus preceitos, os quaes com o maior gosto sempre executarei, pois sou.

De V. m.

Amigo taõ sincero, como obrigado

Antonio José de Oliveira Porto.

87

GALATÉA EGLOGA.

INTERLOCUTORES:

POLIFEMO,

E

L A U R I N D O.



LISBOA,

Na Officina de DOMINGOS GONSALVES.

Anno de 1786.

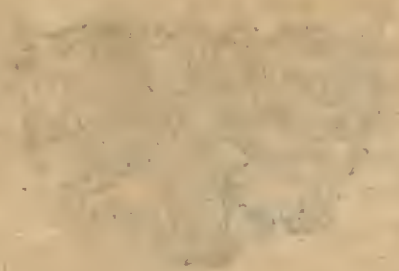
Com Licença da Real Meza Censoria.

QALATA

EGLOGA

POLIFEMO

LIBRO



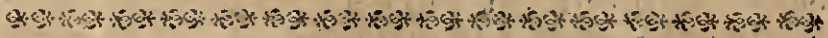
LIBRO

...

...

(3)

GALATÉA EGLOGA.



POLIFEMO.

A ! Campos, campos meus! Vós que algum dia
 Me servieis de amavel companhia;
 Vós, que os ouvidos davéis ao meu canto,
 Prestai mos hoje para ouvir meu pranto;
 Sé bem, que assaz me custa magoar-vos,
 Depois de com meu canto deleitar-vos;
 Mas eu adoçarei a vossa mágoa,
 Dando vos de meus olhos rios de agoa:
 Com ella floreçei para os ouvintes,
 E á custa do meu mal vivei contentes,
 Que eu não vos lograrei, não; nem já agora
 A minha morte póde ter demora:
 Os Ceos a mandem, que em tormentos fortes
 Huma morte he melhor, que muitas mortes.

A' ! Campos, se vós fosseis animados,
 E ponderasseis bem os meus cuidados,
 De mim aprenderieis, que a ventura,
 Ao que nasceo feliz, he que procura;
 E áquelle, que nasceo já desgraçado,
 Sempre lhe foge com semblante irado.

Mas quem he, que este monte vem subindo?
 Pelo trage he Pastor, sim, he Laurindo,

Que tal vez magoado d' escutar-me,
 Quer meios procurar de consolar-me:
 Em vaõ, em vaõ se cança, se o intenta;
 Que em vez de alivio dar-me, a dor me aumenta.
 Agora mais me vejo impaciente,
 Que até me afflige a vista de hum vivente:
 Mas elle vem, não posso rezistir-lhe,
 Já não posso esconder-me, nem fugir-lhe;
 Se fujo desta parte, he ribanceira,
 Se daquella, me affogo na ribeira;
 Pois nella acabarei, morrer não temo;
 De huma só morte acabe Polifemo.

Laurindo. Detem-te, amigo, espera, que fazias?
 A ti mesmo matar-te pretendias?
 Seres comtigo mesmo impio tiranno
 Para hum damno evitar com maior damno?

Polifemo. Deixa, deixa que eu morra por piedade;
 Porque morrendo, evito a crueldade
 Dos ímpios Deozes: A' ! Viver não quero,
 Pois vida tão penosa não tolero:
 Tu contarás á falsa Galatêa,
 Que por ella me expúz á morte fea;
 Porém no peito o coração me estalla,
 Vendo que Aeis tiranno ha de logralla:
 Mas logre-a, logre-a embora, ó que tormento!
 Que eu só por tal não ver, morrer intento.

Laurindo. Soccega, amigo, com prudencia aprende
 A não morreres, por quem só te offende:
 Nesse teu louco excesso mostrar queres,
 Que ainda não sabes bem, quem são mulheres:
 Queres vingar-te della sem cuidado?
 Desprezou-te, despreza-a; estás vingado.

Polifemo. Desprezar Galatêa , e offendêlla ,
Quando dezejo só morrer por ella !
Illo não , que depois de eu adorálla
Valor não tenho para maltratálla :
Matem-me embora seus crucis rigores ,
Que eu sempre hei de mostrar-lhe os meus amores.

Laurindo. Conheces que te offende essa prejura ,
E ainda morres por ella ? O' que loucura !

Polifemo. Sim , amigo , traidora a considero ;
Mas como lhe quiz bem , ainda lhe quero :
Eu não lhe amo o rigor , sim a belleza ,
Que he parto singular da natureza :
Tu , que a conheces , vê se razão tenho
Para adorálla com tão grande empenho :
O lindo rosto , aquelles olhos bellos ,
Tão matadores , que em chegando a vellidos ,
Parece que do rosto lhe faltavao ,
E que para não vellidos me cegavao :
As louras tranças , bem como douradas ,
Sobre seus alvos hombros espalhadas ,
Se as costas me voltava por desprezo ,
Como que a ellas me levava prezo :
Nas lindas faces se me figuravao
Duas papoilas , que entre a neve estavao .
A boca , que em conceitos sempre acerta ,
Parecia huma roza meia aberta ;
Mas quando grave , e graciosa ria ;
O' quanto entao mais bella parecia !
Mostrando os claros dentes , que esmaltavao
Seus beiços , que de nacar se formava ;
E co' a força do rizo as faces bellas
Duas covas faziao como estrellas .

As mãos por engraçadas, e pequenas
 Pareciaõ formozas affucenas;
 Mil vezes quiz beijar-lhas; porém ella,
 Que o damno prevenia na cautella,
 Escondendo-as, de mim mais se affastava,
 Que até nisto ser casta bem mostrava.

Estas bellezas, esta honestidade
 Foraõ prizoens da minha liberdade;
 E quanto as lindas mãos mais me negava,
 Tanto as doces prizoens mais me apertava;
 Mas n'uma festa vi, que ella dormia
 Junto do pote, que na fonte enchia:
 Vou-me pé ante pé, e indo a beijar-lhas,
 Me arrependi, porque temi manchar-lhas;
 Nem só para pegar-lhe valor tinha,
 Porque mão taõ grosseira, como a minha,
 Naõ devia tocar aquella neve,
 Que só com outra igual tocar-se deve;
 Mas immovel fiquei, pois só gostava
 De ver a bella acção, em que ella estava.

O branco rosto sobre o curvo braço,
 Outra mão tambem curva no regaço;
 O corpo reclinado sobre a fonte,
 E a curta sombra, que lhe dava o monte;
 Só metade do rosto lhe cobria,
 Que muito mais formozas inda a fazia.

Eu, que só me detinha em admiralla,
 Sem que tivesse intento de acordalla;
 Como de gosto estava arrebatado,
 Sem que eu sentisse, cae-me o cajado;
 Dá lhe nos pés, acorda ella affustada,
 Vê-me, levanta-se, e com voz irada

Me diz: Vil, só comigo! Que fazias?

Dize: Acazo offender-me pertendas?

Se por gigante intentas de vencer-me,

Matar-me poderás, mas não render-me;

Que a minha honestidade he tão constante,

Que não cede á violencia de hum gigante.

Dirás, que son mulher, isso te ampara;

Que a ser homem, melhor te castigára.

Naõ, (eu lhe respondi) não te offendia;

Nem de ti outra coiza pertendia

Mas, do que ao menos, pois te não lograva;

Ver-te, e só com te ver me contentatava:

Se nisto te offendi, ou me desculpa,

Ou me castiga, se me achares culpa;

Que se eu da tua mão for castigado,

Serei ditozo, se antes desgraçado.

Mas dize-me, Pastora, se me amaste,

Porque razaõ, sem culpa, me deixaste?

E se indigno me achavas para amante;

Porque juraste de me ser constante?

Que resposta daria a fementida?

Vai-tê louco, (me diz) que aborrecida

Até de ouvir-te estou, nem posso dar-te

Maior motivo de hoje desprezar-te,

Se não só, porque todo o meu affecto

Mudei-o já para mais digno objecto;

Em fim, tu já não és do meu agrado;

Isto basta, estás já dezenganado.

E com este rigor aquella impia

Foge: Chamo-a, mais ella me fugia:

Em vendo-a ir tão bella, quanto irada,

Corpo gentil, cintura delicada,

Afli-

Afflicto exclamo : A' ! Dezumana féra !
Nunca te eu víra , ou nunca te perdêra .

Laurindo. Ainda louvas a ingrata por formoza ,
Quando enorme se fez , sendo aleivoza ?
Polifemo , se queres ser discreto ,
Não recordes a offensa , nem o affecto ,
Que o affecto tambem o tempo o gasta ,
E a offensa quem ta fez ? Foi mulher , basta ;
Que á razão nunca os olhos tem abertos ,
E sem luz que fará ? Mil dezacertos ;
Por isso áquelle , que extremoza a trata ,
A paga , que lhe dá , he fer-lhe ingrata .

Bem como o bravo lobo carniceiro ,
Que vê , que a innocencia de hum cordeiro
Não póde entranhas ter para aggraválo ,
Por isso mesmo quer despedaçálo ;
Mas se este acha hum rafeiro , que o extingue ,
Tambem ella achará que bem te vingue :
E no entanto o melhor he esquecêlla ,
E se possível for , nunca mais vêlla .

Polifemo. Tambem deixar de a ver he impossivel ;
Porque a não vêlla , a dor mais insoffrivel
Creio , que dentro n' alma padece ,
Como a flor , que sem Sol murcha , e não cresce .

A' ! Se eu agora a visse , e lhe fallásse ,
Tal vez que a meus gemidos se abrandásse ;
E póde ser que a achasse arrependida
De perder quem por ella perde a vida .

O' quão feliz seria a minha forte ;
Se ella abrandásse aquelle genio forte !
A traição , que me fez , lhe perdoava ,
Se conhecesse que outra vez me amava :

Tudo, tudo por ella perderia ;
 Sem gado ; sem choupana ficaria ;
 Sugeitar-me-hia pelos seus amores
 A viver das esmolas dos Pastores ;
 Pois sem logralla tudo he penozo ,
 E logrando-a, sou pobre, mas ditozo.

Laurindo Se amas com tanto extremo a huma traidora,
 Que mais fizeras, se fiel te fora ?

Polifemo. Esta alma, que anima, se pudesse,
 Creio que em paga d' esse amor lha dêsse.

Laurindo. Amando-te era justo premialla ;
 Mas desprezando-te, he loucura amalla :
 Sim, que o homem não mostra ser discreto,
 Amando a falsa, que tem outro objecto ;
 Pois daqui nasce a mancha da dezonra,
 E antes se perca a vida, do que a honra.

Que se havia dizer na nossa Aldêa,
 Se depois d' essa infame Galatêa,
 Por outro te deixar, tu a buscastes,
 E esquecidos d' affronta inda a estimastes ?
 E não tremias, não te envergonhavas
 De dizerem que a honra desprezavas ?
 A ! Querias do amor ser arrastado,
 Perdendo a fama, e credito de honrado ?
 Dize, responde, a falla não escondas ;
 Mas ou me vence, ou nada me respondas.

Polifemo. Nada responderci por defender-me,
 Pois por sabio chegastes a convencer-me,
 Se a paixão me cubrio de escuridade,
 Tu me mostrastes as luzes da verdade :
 Agora já conheço que essa ímpia,
 Mais fera, que o dragão, que o monte cria,

Nem amor, nem piedade já merceçê,
 Pois por outro me deixa; e assim se esquece
 Da fé, que me jurou, e da lealdade,
 Com que sempre a tratei; que a falsidade
 Não podia caber n'um peito amante;
 Que ainda offendido mostra ser constante:
 Eu, que até ás Pastoras, quando as via,
 Nem ainda o Ceo vos guarde lhes dizia;
 E se acazo de longe as avistava,
 Por lhes fugir a estrada rodeava:
 Tudo isto por fineza áquella infame,
 Que só tão feio nome he bem lhe chame;
 Por que a saber que ás outras eu fallava,
 Não julgasse que alguma me agradava,
 Porém que premio vini a tirar disto?
 Sabes o que, com todos ser malquisto;
 Desprezarem-me todos, ver-me agora
 Aqui só, sem amigos, nem Pastora;
 E a falsa, tanto extremo desprezando,
 Amar outro, e ficar de mim zombando!
 E soffro tal injuria sem vingar-me!
 Poderei soccegar sem despicar-me!
 Não, não soccegarei, que hum peito irado
 Soccega só depois d' estar vingado.

Sim, vou já despicar-me... Mas que intento!
 Que faço! Aonde vou! Que pensamento
 He este que me occorre! O' quanto errado
 Gira o discurso de paixão cercado!
 Eu vingança intentar! O' que vileza!
 Naquella rara imagem da belleza
 Descarregar o golpe penetrante!
 E haviaõ ver meus olhos nesse instante

Aquelle

(II)

Aquelle brando peito traspassado :
 O rosto , bem qual Sol quando eclipsado !
 E os olhos , que daquelle Sol são raios ,
 Perdendo a luz na fombra dos desmaios !
 Aquellas lindas faces tão coradas
 Eu poderia vêllas desmaiadas !
 A boca robicūda , e gracioza ,
 Bem qual entre jasmins a linda roza
 Eu teria valor , teria vida ,
 Para vèlla sem graça amortecida !
 E haviaõ escutar-lhe os meus ouvidos
 O pranto , os ais , e os ultimos gemidos
 Com voz balbuciente , e a cada instante
 Vèlla tremula , afflicta , e delirante ,
 Sem alento , sem cor , desfalecida ,
 Dando hum suspiro , e acabando a vida !
 O' Ceos ! Que horror concebo em ponderálo !
 Eu tremo , gèlo-me , e de dor estallo :
 Que coração tão barbaro haveria ,
 Que obrasse tão enorme tirannia ?
 Eu teria valor , se a offendesse ,
 Para vèlla morrer , sem que eu morresse ?
 Não , não teria tanta impiedade ,
 Que vendo cair morta huma deidade ,
 Não me fuisse deste infano peito
 O duro coração de dor desfeito .
 Nem mais contemplar quero tal desgraça ;
 Que parece que o Ceo já me ameaça ,
 Que a terra vejo abrir , que já configo
 Se abate , e me confunde por castigo .
 A' ! Minha Galatèa , vive embora ,
 Bem que me sejas infiel , traidora :

Ainda te amo , se bem que o não mereças ;
 Eu padeça , mas sem que tu padeças :
 Vive feliz , e logra o teu amante :
 O justos Ceos , que dor tão penetrante !
 Mal posso respirar , que até o alento
 Me soffoca a violencia do tormento.

Vai-te , amigo , e me deixa só hum pouco ,
 Que eu não estou em mim , eu estou louco :
 O ! Venha embora a morte rigorosa
 Acabar-me esta vida tão penosa.

Laurindo. Deixa , amigo , esse louco desvario ,
 Que o ser de homem deslustra , offende o brio :
 E que o mundo dissesse pertendias ,
 Que por huma mulher enlouquecias ?

Polifemo. Tambem dirá , que me altera a offensa ,
 Pois tolero a inimiga na presença.

Laurindo. Perdoando-lhe tu por generoso ,
 Que ha de o mundo dizer ? Que es virtuozo.

Polifemo. Perdoar huma offensa , he acção de honra ;
 Mas soffrer , que prezista , he só dezonra.

Laurindo. Perdoar huma offensa , he sã prudencia ;
 Mas soffrer , que prezista , he paciencia ,
 He virtude a maior ; he caridade ,
 Que só nasce de entranhas de piedade :
 E quando esta razaõ não te venceffe ,
 Para que ella de ti perdaõ tivesse ,
 Deves saber , que he prova de fraqueza
 Empunhar armas contra huma belleza ;
 E se toda a que he falsa , se extingua ,
 Poucas mulheres já no mundo havia.

Em fim , agora deves desprezálla ;
 Que he o modo melhor de castigálla ;

Talvez que assim te busque inda algum dia ;
 Mas tu, lembrado entao d' aleivozia ,
 Deves, uzando de honra , e de cautella ,
 Voltar-lhe as costas , e fugires della :
 Tu te acreditas , sendo desprezada ,
 Vingado ficas , e ella desprezada .

Polifemo. Esperar que me busque , tal naõ quero ,
 Pois mais me offende quanto mais espero ;
 Mas perdoada está , que eu lhe perdo-o ,
 Pois da sua belleza me condo o ;
 Tambem , porque talvez seja innocente ,
 Se bem que a culpa a accuze delinquente :
 Galetéa he honesta , he recatada ;
 Pois quem duvida fosse requestada :
 D' aquelle Acis traidor , e que enganasse
 Com vãs promessas , para que o amasse .

Laurindo. Isso he bem crível , que a mulher honesta
 Só ama , porque o homem a requesta ;
 Se bem , que o rogo algumas naõ convence ,
 Mas a dadiva a quazi todas vence .

Polifemo. Sim ? Pois hoje verás que a minha ira
 Só contra aquelle infame se conspira :
 Elle , por me arrancar de amor a palma ,
 Me roubou a doce alma de minha alma ,
 Luz dos meus olhos , qual brilhante estrellá ,
 Que luz me dava para poder vèlla ,
 A quem tantas manhãs busquei no monte ,
 Como quem busca a aurora no Orizonte :
 E só quando ella do cazal' sahia ,
 He que eu julgava ser nascido o dia :
 Luz em fim , cara vida , alma estimada ,
 Tudo perdi , perdendo a minha amada ;

Tudo

Tudo elle me roubou ; porém protesto
 Fazer o seu castigo manifesto
 Ao Ceo , á terra a todos os viventes :
 Elle me offende , as culpas são patentes ;
 Pois o proprio delicto he que o condemna ,
 A que segundo a culpa , sintá a pena.

Laurindo. Queres que a morte de Acis justifique
 Huma cega paixão , hum vil despique ?

Polifemo. Quero , por que da injuria não se gave ;
 Que o proprio sangue a sua culpa lave ;
 E se neste lugar já o apanhára ,
 O coração do peito lhe arrancára.

Laurindo. Dize , se a Galatéa perdoastes ,
 Depois que a culpa enorme lhe provastes ,
 O Pastor , que he tal vez menos culpado ,
 Por que não he como ella perdoado ?

Polifemo. Ella sim me offendeo , mas obrigada ,
 E merecc perdaõ por violentada ;
 Mas elle não he digno de clemencia ,
 Pois mais culpado está pela violencia.

Laurindo. Não he essa a violencia , que he culpavel ,
 Por que he filha do amor , excessõ amavel ;
 Excessõ a cada instante praticado
 Por quem ama , e pertende ser amado.

Polifemo. Assim se obra ; mas sempre he falsidade ,
 Quando offende as leis santas d' amizade.

Laurindo. Que muito he saltar elle á lei de amigo ,
 Se ella deixou de ser fiel contigo ?

Polifemo. discorre mais prudente ;
 Veneç-te a ti , se queres ser valente :
 Eu teu amigo sou , eu sou mais velho ,
 Tu , que és mais moço , toma o meu conselho :

Em mulher nunca faças confiança,
 Desterra a ira, fôge da vingança,
 Que esta inquieta, aquella te amofina;
 De qualquer dellas sempre vem ruina.

Males, que tu não queres fopportállos,
 Não debes para os outros dezejállos,
 Que ás vezes faõ, qual pedra despedida,
 Que no mesmo que a deita, abre a ferida:
 Queres a morte de Acis? Não ponderas
 Que pôde em ti cair, se nelle a esperas?
 Teme o Ceo, e suspende a fatal ira;
 O Ceo, que a vida dá, só elle a tira;
 Só elle sobré as vidas tem dominio,
 E não debes oppôr-te ao seu deznio;
 Nem ainda vingár-te levemente.
 Poderás, sem que fiques delinquente;
 E contra o Grande Author da natureza
 Rezistencia não ha, não ha defeza:
 Treme, treme de o veres irritado,
 E não faças que a mão levante irado.

A' ! Já mudas de cor, tremes, e pensas?
 Pois a ti mesmo espero te convenças.

Polifemo. Treme da confuzão, e de mim treme;
 Os castigos do Ceo respeito, e temo;
 Mas o affecto, a paixão, e honra, a offensa
 Não me deixaõ acção, em que eu me vença:
 Vejo a justa razão, quero leguilla,
 Mas a paixão vem logo destruiilla;
 Que este meu coração nunca descança
 De chamar-me ao caminho da vingança.

Laurindo. Qualquer paixão, qualquer impaciencia
 Se vence com discurso, e com prudencia.

Polifemo. Taõ desgraçado sou, que neste empenho
 Nem já discurso, nem prudencia tenho :
 Quem vio taõ enredado labirintho
 Como este, que na idéa, e n' alma finto !
 Deozes, se justos sois, ou dai me a morte,
 Ou me livrai de confuzão taõ forte :
 Eu se vingar-me vou, me precipito :
 Porque aos Deozes offende o meu delicto :
 Se allento em perdoar ; não persevero,
 Porque em vendo o offensor, logo me altéro ;
 Porém hum novo meio já me occorre :
 Melhor acerta, quem melhor discorre :
 Eu não quero offender ao Ceo piedozo ;
 Mas para não vingar-me do aleivozo,
 Fugirei delle para mais não vello,
 Que fõra o mesmo vello, que offendello.
 Deixarei estes montes ; estes prados,
 Que a verdura me davaõ para os gados ;
 Irei viver nas mais occultas brenhas,
 Onde gente não veja, mas só penhas :
 Da vingança, e d' affronta assim me privo,
 E ninguem sabe se sou morto, ou vivo.

Laurindo. Rezolves bem, amigo, sim, he justo
 Fugires do perigo a todo o custo ;
 Porém busca a desgraça todo aquelle,
 Que vendo o damno, não se aparta delle :
 Perca-se a Patria, perca-se a fazenda,
 Perca-se tudo, e nunca o Ceo se offenda.

Tu sim perdes lavouras, e o serrado ;
 Mas o Ceo, que effes bens te havia dado,
 Te dará novos campos mais extensos,
 Donde possas colher frutos immensos :

Quem

Quem perder pelo Ceo fique esperando,
 Que em vez da perda, ficará lucrando:
 Se a tua choça perdes, caro amigo,
 A minha he grande, vivirás comigo:
 Para a tua lavoura dar-te-hei terra
 Da campina, que tenho, além da Serra;
 Dar-te-hei duas palmeiras mui frondozas,
 Donde colhas as tamaras gofiozas;
 Dar-te-hei duas formozas aveleiras,
 Grossas sepas, algumas oliveiras;
 E do mais fruto, que o Ceo der, pendente
 Repartiremos ambos irmãmente.

Para o gado lá tens viçozza relva,
 Lá tens para o recreio a linda felva,
 Onde acharás hum bosque mui sombrio,
 De huma parte arvoredos, d'outra hum rio:
 Alli se ouvem os passaros cantando,
 Alli se escuta o rio murmurando,
 Nelle andaõ de continuo os pescadores,
 Nelle pescaõ tambem alguns Pastores
 O faborozo peixe á longa cana,
 Ou com o iscado anzol, que mais o engana:
 Em fim, he campo ameno, he deleitavel,
 Fructuoza a terra, o clima saudavel:
 Lá vivirás, amigo, descaçado,
 Sem ver a cauza do mortal cuidado;
 Pois naquella distancia por extensa
 Não vês o offensor, nem vês a offensa.

Polifemo. O' doce amigo, amigo verdadeiro!
 Tu foste dos Pastores o primeiro,
 Que me soube vencer; só tu, Laurindo,
 Me mostraste a razaõ; e destruido:

Da minha alma as paixões, e o furor cego,
Te cançaste até pôr-me em bom foccegô.

O' grande, o raro exemplo d' amizade!
O' coração gerado de piedade!
Despido d' ambição, e d' avareza,
Só inclinado á mízera pobreza.

Deixa, que por mostrar-me agradecido,
A teus honrados pés chegue abatido;
E esta boca, por quem serás louvado,
Beije o chão duro, dos teus pés tocado.

Laurindo. Suspende, Polifemo, eu não pertendo
A tua gratidão, antes me offendo
De a meus pés te prostrares abatido,
Acatamento só ao Ceo devido.

Polifemo. O' quanto es digno de louvor completo,
Por liberal, humilde, e por discreto!
Aprenda o avarento ambiciozo
A ser mais liberal, mais caridozo:
O que da santa, e mízera pobreza
Foge, como quem foge da vileza;
Veja que o rico, o poderozo, o nobre
Tal vez chegue a pedir esmola ao pobre:
Esse que as minas abre, e colhe o ouro,
Julgando a vida ter no seu thezouro,
Veja que a vida, é ouro n'um momento
He como o fumo, que o consome o vento:
Siga os teus passos o soberbo inchado,
Que julga que a ventura têm ao lado;
Olhe que a secca o grosso riô esgôta,
E até com vento o cedro se derrota.

Longe, longe de nós, ó vicio forte,
Vicio mais fêo, do que a fêa morte.

Laurindo. Não teraõ parte em nós vicios damnados,
 Nem pizarão a flor dos nossos prados ;
 Que esta lá , que nos cobre , esta pobreza
 Contra o vicio nos serve de defeza.

Vamos gozar a santa paz ditoza ,
 Vamos colher a fruta laboroza
 Da minha bella Aldêa : Vem , amigo ,
 Que eu não me auzento , sem que vás comigo.

Polifemo. Vamos ; mas á Laurindo , quem diria
 Que por humia mulher , por humia ímpia
 Eu havia deixar a minha Aldêa ,
 E ir d' esmolas viver na terra alhêa ?
 O' triste Polifemo ! O' desgraçado !
 De ti deves queixar-te , e não do fado :
 Em mil exemplos o perigo viste ,
 Devias fugir d'elle , não fugiste ?
 Pois agora o teu erro irás pagando ,
 E o damno sem remedio lamentando.

Tome exemplo de mim , o que ama cégo ,
 Julgando ter no amor todo o soccego ,
 Veja a minha desgraça , e tema o damno ,
 Que sempre nasce desse amor profano :
 Não prenda a doce , a amavel liberdade ,
 Já que o Ceo lhe quiz dar livre a vontade ;
 Fuja do amor ; e guarde esta doutrina ,
 Se quizer viver longe da ruina ;
 Mas á ! Nem já do amor quero lembrar-me ,
 Que he facil outra vez precipitar-me.

Adeos , ó campos meus , campos amados ,
 Que me davas o fruto , e pasto aos gados ,
 Já não hei de ferir vossos ouvidos ,
 Nem já respondeis a meus gemidos.

Adeos, ó rio meu, que me obrigavas,
Quando ao meu gado tuas aguas davas;
Mas pago ficas, que essa grossa enchente
Aumenta dos meus olhos a corrente.

Adeos, placida fonte, onde algum dia
Se alegre rias, eu alegre ria;
No prazer te imitei; mas hoje afflicto
Só no pranto, que verto, he que te imito.
Lembra-te, ó fonte, que a cruel Pastora,
Essa que sem razão me foi traidora;
Por ti jurou, que essa agoa lhe faltasse,
Se ella de amor a pura fé manchasse:
Agora deves, pois faltou perjura,
Por castigo negar-lhe essa agoa pura:
Como ella contra si justiça pede,
Ou procure agoa longe, ou morra á sede;
Mas á! Que digo! He crueldade;
Naõ, naõ lhe negues agoa por piedade,
Tem della compaixão, dá-lhe desculpa,
Basta só que a castigue a propria culpa.

Adeos, ó prado ameno; as flores bellas
Eu te roubei para tecer capellas;
Perdoa-me, e tal vez que inda melhores,
Que á custa do meu mal terás mais flores:
E apague a minha culpa, que te agrava
Este pranto, que humilde os pés lava.

Adeos, Pastores, doces companhias
Dos meus passados, e felices dias;
Porém dias taõ breves, quanto he breve
No Inverno a calma, no Veraõ a neve:
Se o meu canto aprendestes algum dia,
No tempo da ventura, e d' alegria,

Hoje do meu desgosto, e do meu damno
 Podeis lucrar mais util dezengano,
 Vendo, por breve ser minha ventura,
 Quanto a gloria do Mundo pouco dura;
 Que apenas nos faz ver hum falso gosto,
 Logo atraz delle vem maior desgosto.

Adeos, ó Galatéa, mas que digo!
 Cuidei que tinha ainda o nome antigo;
 Mas não debes ter já o nome de humana,
 Sendo leão feroz, vibora insana:
 Fica-te embora em paz; e só te peço
 De mim t' esqueças, que eu de ti m' esqueço;
 Sim, farei que não tornes a lembrar-me
 Para querer-te, nem para vingar-me:
 E poderemos só ficar lembrados
 Do exemplo, com que fomos doutrinados;
 Mas vê quanto differem as doutrinas,
 A que eu te dei, daquella, que me ensinas:
 Eu te ensinei a ser fiel, constante,
 Tu me ensinaste a ser falso, inconstante;
 Mas nunca me seguiste a lealdade,
 Nem eu sube seguir-te a falsidade;
 Porém essa doutrina, inda que inutil,
 Estimo-a, por que em parte me foi util:
 Se até aqui das Pastoras não fugia,
 Por que a sua traição não conhecia,
 Já dellas fugirei dezenganado,
 Como quem foge do animal damnado:
 Longe, longe de mim, ímpias tirannas,
 Ide viver com feras dezumanas:
 Em fim, parto a morrer: Adeos, Pastora,
 Adeos, ímpia: Adeos, falsa, Adeos, traidora.

SONETO.

Novo exemplo aqui tens, cego profano,
 Que incensas os Altares da vaidade,
 Aqui te mostro a estrada da verdade,
 Por onde ao Templo vaz do dezengano:

De Polifemo o lamentavel danno:
 De Galatéa a horrenda falsidade
 Te excitem a fugir da crueldade,
 Que he premio certo desse amor tiranno:

Elle consome os bens, a honra offende,
 O soccego perturba, arrisca a vida,
 E o coração mais livre assalta, e rende.

A'! Destroe essa mão féra, homicida,
 Rompe os duros grilhoens, com que te prende,
 Quebra-lhe as settas, ficará vencida...

PROTESTAC, AM DO AUTHOR.

UZo das palavras Dcozes, Fado, e de outras fimi-
 thantes, como necessarias para adorno da compo-
 zição Poetica, e não com intenção de offender a nossa
 Santa Fe, nem aos dogmas da Santa Igreja Apostolica,
 a quem me sugeito com a maior submissão, como seu
 obediente filho.